Nau Literária: crítica e teoria de literaturas
www.seer.ufrgs.br/nauliteraria
ISSN 1981-4526 – PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre
Vol. 11 N. 01– 2015
100 anos da geração Orpheu

Apresentação

Num dos mais interessantes textos dedicados ao estudo da Geração de *Orpheu*, intitulado “*Orpheu*” ou *a poesia como realidade*, Eduardo Lourenço escreve as seguintes palavras: «No coro dos imortais, Orfeu é apenas um semideus. Os jovens de 1915, porém, invocaram-no como Deus da Poesia, ou, mais gravemente, viram nele a poesia como deus. Talvez mesmo como Deus»; pouco depois, continua, referindo-se às sequelas que tal atitude e tal comportamento iriam arrastar: «[...] diante do seu exigente deus se despirão de toda a habitual dignidade humana, de todo o direito ao respeito público, nada lhes ficando como prova da sua sinceridade senão a coragem de se confrontar sem temor com uma solidão extrema, a loucura ou a morte» (LOURENÇO, E., 1974: 57). O que fundamentalmente interessa sublinhar nestas palavras são dois aspetos: em primeiro lugar, o facto de os jovens poetas que colaboraram e lançaram a revista *Orpheu* (em 1915) terem recorrido à figura de **Orfeu**, intitulando, assim, a revista com o nome dessa personagem mitológica, reveladora dos mistérios dionisíacos; em segundo lugar, a circunstância de esse convite à mitologia ter envolvido uma cadeia de acontecimentos que ainda hoje permanecem na nossa **memória coletiva**.

Ora, é conhecida a importância de **Orfeu** na reforma ao culto a Dionísio, bem como, a partir daí, as funções (de índole filosófica) que àquele entretanto foram conferidas: iniciar e revelar o mistério divino; ensinar a conduta moral; encaminhar o Homem para a purificação (através da libertação de tudo o que era maligno), orientando-o com a finalidade de integração no divino; e a última função encontra a sua justificação num episódio mitológico, segundo o qual os homens terão nascido das cinzas dos Titãs, que tinham sido queimados pelo fogo divino

de Zeus, após terem morto o filho deste, Dionísio. Por esse motivo, nos homens comparecem uma base divina e uma particularidade ferina.

Mas outra circunstância singulariza a figura mitológica de Orfeu: a sua ligação ao amor, à poesia e à música (capaz até de dominar a morte e os deuses do inferno). Assim, para «aqueles jovens de 1915», reclamar a figura de Orfeu significava vivenciar plenamente o ato de criação poética. Ou, dito por outras palavras: esse ato traduziria o assumir a poesia na sua total dimensão, como plenitude artística e mágica. No fundo, e em última instância, tal escolha poderia ser entendida como a possibilidade de, através da poesia, **criticar algo que estava mal na coletividade portuguesa e de atuar «sobre o psiquismo nacional»** (como escrevera Pessoa em 1915), talvez em nome daquele «futuro glorioso», daquele «supra-Portugal de amanhã» que, em 1912, Fernando Pessoa pressentira, quando publicara n'A *Águia*, o texto *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*. (PESSOA, F., 1986: 1154).

Contudo, note-se: de acordo com os primeiros objetivos do Grupo que se convencionou chamar Geração de *Orpheu*, os colaboradores **não se deveriam interessar pelos problemas políticos e sociais**. Ao contrário do que, programática e doutrinariamente sempre pretendia a Geração de 70 (que, sob a égide do discurso positivista, utilizara a Literatura e a Arte como instrumentos de justiça social e de ação sobre os problemas sociais e políticos), *Orpheu* teria que se manter à margem do discurso ideológico e da intervenção social; pelo menos, foi isso que foi defendido, pela voz de um dos seus diretores, Luís de Montalvor, na *Introdução* ao número 1 da revista *Orpheu*). De facto, quando, em **26 de Março de 1915**, *Orpheu 1* é posto à venda, os leitores deparam-se com as seguintes palavras:

Bem propriamente, ORPHEU, é um *exílio de temperamentos* [it. nossos] de arte que a querem como a um segredo ou tormento...

Nossa pretensão é formar, em grupo ou ideia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este *princípio aristocrático* [it. nossos] tenham em ORPHEU o seu *ideal esotérico* [it. nossos] e *bem nosso* de nos *sentirmos e conhecermo-nos*.

A fotografia de geração, raça ou meio, como o seu mundo imediato de exibição a que frequentemente se chama literatura e é sumo do que para aí se intitula revista, com a variedade a inferiorizar pela igualdade de assuntos (artigo, secção ou momentos) qualquer tentativa de arte — deixa de existir no texto preocupado de ORPHEU (MONTALVOR, Luís de, in *Orpheu 1*: 11 [*Introdução*]).

As palavras transcritas falam por si, quando nelas encontramos um dos desígnios que, em princípio, deveriam estar inerentes a todos os colaboradores da revista: desprendimento em

relação ao contexto político-social, pela vocação estética de um certo «exílio de temperamentos».

O pressuposto subjacente a estas palavras — que reclama para *Orpheu* um posicionamento de isenção político-ideológica, na tentativa, portanto, de desvio em relação a um *discurso* de intervenção (nos moldes que normalmente lhe são conferidos) — seria, aliás, sublinhada mais tarde por Almada Negreiros: em 1935, num texto com o título de *Um aniversário: Orpheu*, para além de reafirmar que *Orpheu* tinha sido «o **primeiro grito moderno**» que se dera em Portugal, dizia que *Orpheu* «**era exclusivamente literário**» e que «não tinha o mais pequeno vislumbre político» (NEGREIROS, J. A., 1992: 60 ss). Nesse sentido, o desprendimento deveria ser conseguido com o **cultivo da diferença**.

No entanto, como é sabido, esta diferença (de que um certo **elitismo** e **antiburguesismo** não eram alheios) seria igualmente percebida, pelo menos pela imprensa da época, com uma dimensão nitidamente **provocatória**. E é mediatamente por esta vertente, por este *gesto* “insolente” sentido pelos leitores de 1915, que se pode perceber até que ponto a Geração de *Orpheu* continua de certa forma o espírito da Geração de 70.

Esse *gesto*, encontrá-lo-emos de forma evidente décadas mais tarde em **Fernando Pessoa**, quando, em (provavelmente) 1914, referindo-se à Literatura Portuguesa de então, escreveria: «Afastamo-nos de Camões, de todos os absurdos enfadonhos da tradição portuguesa, e avançamos para o futuro» (PESSOA, F., 1966: 122). Como se vê, desde logo se torna evidente o alcance duplo destas afirmações: **romper com a literatura do passado** (e com os símbolos e imagens da memória cultural) e **atualizar o futuro**.

E, em certa medida, quando se estuda a Geração de Orpheu, há que não esquecer o problema do conflito de gerações inerente a esse estudo, por essa perspetiva devendo-se encarar a **luta pelo “poder simbólico” e a revisão de valores instituídos**. E é também por esse sentido que pergunta, em definitivo: o que foi, em última instância, *Orpheu*? É o próprio Fernando Pessoa quem com mais lucidez aborda este assunto, distinguindo as «três coisas que habitualmente se confundem quando se fazem referências ao “Orpheu” ou aos “poetas do Orpheu”» (PESSOA, F., 1986: 1323): em primeiro lugar, a «revista», propriamente dita, com dois números publicados em Março e Junho de 1915 (o 3º número seria publicado somente em 1984, em edição facsimilada); em segundo lugar, «os que estiveram ligados a ela», directa ou indirectamente¹; finalmente, «os que escreveram subsequentemente em estilo semelhante ou aproximado ao dos que de facto colaboraram no *Orpheu*».

¹ - Neste sentido, importa lembrar a presença manifesta de **Fernando Pessoa** (e o seu heterónimo **Álvaro de Campos**), **Mário de Sá-Carneiro**, **Almada Negreiros**, **António Ferro**, **Luís de Montalvor**, **Ronald de**

Como quer que seja, interessa destacar a **consciência geracional** muito marcada de alguns do Grupo de *Orpheu* (sobretudo dos seus principais representantes, como seria o caso de Mário de Sá-Carneiro e de Fernando Pessoa), consciência essa à qual não foi indiferente o **escândalo** provocado pela revista, ao ponto de Eduardo Lourenço considerar o Grupo de *Orpheu* «a experiência mais radical de quantas a história da nossa poesia dá conta» (LOURENÇO, E., 1974: 51); e pouco depois continua, reforçando a transgressão que esse Grupo pratica sobre o horizonte de expectativas de uma Lisboa cultural e literariamente adormecida.

Para uma seriedade tão funda a Lisboa de 1915 não estava preparada. Mas talvez não seja escandaloso afirmar que os seus portadores também o não estavam. [...] eles tinham querido ver “algo nuevo” e na realidade o haviam visto. Mais misteriosamente, tinham-se aproximado de “algo nuevo” mas a sua relação com o novo continente entrevisto era-lhes ainda oculta. A sua poesia foi a maneira de se lançar ao mar. [...] Para serem fiéis à nova experiência, as palavras habituais da tribo pareceram-lhes mesquinhas e a sintaxe secular revelou-se-lhes demasiado estática para suportar a alma incoerente, múltipla e tumultuosa nascida de uma tal visão (*id.*: 52).

Num inquérito realizado a várias personalidades da cultura portuguesa sobre *O significado histórico do “Orpheu”*, Vergílio Ferreira retomava a seguinte questão: “Em que medida [...] a lição de *Orpheu* se nos extinguiu ou não?”; e respondia, logo a seguir, considerando que «a poesia de hoje» é «difícilmente concebível [...] sem tal lição» (FERREIRA, V., 1984: 24).

Procurando ilustrar essa posição, a revista *Nau Literária* irá organizar o próximo número, 100 anos depois do lançamento da revista literária *Orpheu*. Nesse sentido, em primeira e última instâncias, procurar-se-á, com este número, sistematizar alguns dos fundamentos histórico-literários, estético-literários, socioculturais e sociopolíticos de uma das gerações mais importantes e com maior peso literário na Literatura lusófona do século XX, a *Geração de Orpheu*, procurando assim compreender-se melhor o *discurso* dos órficos, acima de tudo (mas não só), como um discurso de subversão e de modificação de um paradigma literário. Fernando Pessoa reconheceria, ao longo da sua vida, o lugar de destaque conquistado pelo ***Orpheu na literatura de língua portuguesa do século XX***; e, em 1935, um mês antes de morrer, a

Carvalho, Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues (e Violante de Cysneiros, pseudónimo deste), Ângelo de Lima, Eduardo Guimarães, Carlos Pacheco, Raul Leal, José Pacheco, Santa-Rita Pintor, Augusto Ferreira Gomes, D. Tomás de Almeida, Castelo de Morais e Albino de Meneses. Sublinhe-se, entretanto: em primeiro lugar, que os quatro últimos só colaborariam em *Orpheu* 3; depois, que uma contribuição de Amadeo de Sousa-Cardoso (com os seus *hors-textes*), anunciada por Pessoa a Côrtes-Rodrigues (em Setembro de 1916), não se chegaria a concretizar; finalmente, que o papel de António Ferro se reduziu unicamente ao de editor.

revista *Sudoeste* publicaria um texto seu, onde, resumidamente, regista: «*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua» (PESSOA, F., 1986: 1333-1334).

Ficou o **exemplo permanente dos órficos**, ao advogarem a integridade estético-literária, ainda que isso lhes tivesse custado um pequeno desvio no caminho em direção à universalidade, no que de constante presentificação essa noção implica. É, afinal, essa presentificação que legitima realinhar o discurso da *Geração de Orpheu* com o discurso da posteridade. E é também, afinal, a mesma presentificação que é possível colher nas palavras de Pessoa, quando, em 1915 (ainda que a propósito do legado dos órficos), revela: «Na mitologia dos antigos, que o meu espírito radicalmente pagão se não cansa nunca de recordar, numa reminiscência constelada, há a história de um rio, de cujo nome apenas me entrelembro, que, a certa altura do seu curso, se sumia na areia. Aparentemente morto, ele, porém, mais adiante - milhas para além de onde se sumira - surgia outra vez à superfície, e continuava, com aquático escrúpulo, o seu leve caminho para o mar» (PESSOA, F., 1993: 257).

Será, decisivamente, para esse “mar” que os desígnios programáticos subjacentes do próximo número apontam: a (re)avaliação da *Geração de Orpheu*, promovendo novas pistas de leitura, *preenchendo "lugares"* de leituras.

Prof. Dr. Dionísio Vila Maior
(Organizador do número)

Referências

FERREIRA, Vergílio (1984) - «O significado histórico do “Orpheu” [Inquérito]», in *Cadernos da Colóquio/Letras*, 2, pp.22-24.

LOURENÇO, Eduardo (1974) - «“Orpheu” ou a poesia como realidade», *Tempo e Poesia*, Porto, Editorial Inova, pp.47-67. *

NEGREIROS, José de Almada (1992) - *Obras Completas — Ensaaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. V.
Orpheu I (1984), 4ª reed., Lisboa, Ática.

PESSOA, Fernando (1966) - *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* [textos estabelecidos e prefaciados por G. Rudolf Lind e J. do Prado Coelho], Lisboa, Edições Ática.

PESSOA, Fernando (1986) - *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol. II.

PESSOA, Fernando (1993) - *Pessoa Inédito* [coordenação de Teresa Rita Lopes], Lisboa, Livros Horizonte.